DÓLMENS DA GALÍCIA

Antonio Carlos Freddo
Mestrado em Gestão de Negócios
Universidade Católica de Santos

1 Introdução

Começo este artigo com um poema de Eduardo Pondal[1], *El Dólmen de Dombate*.

Aínda recordo, aínda, cand'eu era estudante,
Garrido rapacete, que ben rexerse sabe;
Cando iba pra Nemiña, a estudiar o arte,
Do erudito Nebrija, e do boo Villafañe;
E iba a abalo ledo, cal soen os rapaces.

Pasado Vilaseco, lugar batido do aire
No alto da costa d'Uces de montesía canle;
Pasado Vilaseco, indo pla gandra adiante,
Xa vía desde lonxe, *o Dólmen de Dombate*.
Deixando Fonte-Fría, cara o lado de Laxe,
E levando o camiño de San Simón de Nande;
Pol-o chan de Borneiro, de cativos pinales,
Cuase pasaba arrentes, *do Dólmen de Dombate*.

Quedaba o misterioso, fillo d'outras edades,
Ca súa antiga mesa, cas súas antigas antes,
No seu monte de terra, no alto e ben roldante,
Povoado en redondo, de montesío estrame,
De pequenas queiroas, e de toxos non grandes;

Como calada esfinxe, que sublime non fale;
Como náufrago leno, de soberbio cruzamen,
Lanzado sobr' a praia por potente oleaxe;
Que de pasada rota, mostre rudas señales,
E mostre aberto o flanco, por glorioso combate,
E con linguaxe mudo, das súas glorias fale.
¡Cánto ¡ai! mudar pode longa e vetusta edade!

[1] RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Eduardo Pondal*, p. 203-204.

Entonces eu deixando, ambas rendas flotantes,
Penoso iba cuidando, pla Viqueira salvaxe,
Nos nosos xa pasados, nos celtas memorabres,
Nas súas antigas glorias, nos seus duros combates,
Nos nosos vellos dolmens, e castros verdexantes.

E despóis a Nemiña, ou que fose ou tornase,
A vel-o desde lonxe indo pla gandra adiante,
Sempre ledo escramaba: *¡O Dólmen de Dombate!*

Agora que pasano, meus anos xogorales,
Agora que só vivo, de tristes suidades,
Que cumpro con traballo, meu terrenal viaxe,
E que a miña cabeza, branquea á grave edade,
Aínda recordo, aínda, *o Dólmen de Dombate*.

Este artigo, com base no livro *Los Dólmenes de Galicia*, tem por finalidade mostrar, tal *como estão hoje* em seu lugar, algumas dessas pedras tão antigas, tão belas, tão misteriosas que são os dólmens da Galicia.

A Galícia é considerada, ainda hoje, uma das mais importantes ocupações célticas e romanas da Europa, dado o alto grau de preservação do que nos chegou dessas civilizações. Celtas e romanos nos deixaram nessa região seu legado, muito do qual ainda em uso: pontes, como as localizadas em Lugo, Pontevedra, Ourense; castros, como a cidade de Castro de Rei, que se utilizou de alguns dos muros, escadarias e ruas do castro primordial para manter o desenho da cidade atual, ou Betanzos, cuja praça principal e ruas vizinhas estão construídas sobre a coroa de um castro celta; muralhas defensivas de enormes proporções, como a que ainda hoje cerca a cidade de Lugo; balneários, como o localizado também em Lugo, ainda em funcionamento; ou o mais emblemático de todos os monumentos romanos, a Torre de Hércules, o farol mais antigo do mundo ainda em funcionamento, na cidade de A Coruña, sob o qual, diz a lenda, Hércules enterrou a cabeça de Gerión.

Entre minha primeira sessão de fotos de dólmens, 20 anos atrás, e as últimas sessões de fotografia, em julho de 2008, alguns dos dólmens estavam depredados, quebrados, outros

destruídos em boa parte, e outros já desaparecidos. É de se lamentar a atitude pequena e miserável do homem moderno perante estes tão idosos representantes das manifestações simbólico-religiosas de nossos mais longínquos antepassados. Lamentavelmente, o homem moderno criou um mundo descartável onde as criações do artifício humano não são duradouras, e, por isso, às criações duradouras de nossos antepassados, não sabemos como mantê-las.

As fotos que apresento neste artigo têm dois propósitos: a de serem vistas como documento, a foto como preservação, a foto como denuncia; e a de retratar o que chamo de arte, ou arquitetura, do enterramento na Galicia megalítica. Necessário ressaltar que este artigo aborda um momento específico da história e um lugar específico da Europa: o noroeste da Espanha, a Galícia de hoje.

2 Os dólmens da Galícia

A história popular dos dólmens da Galícia é, hoje, interessante. Ela vai desde "sacrifícios humanos" por parte de "druidas", como é o caso das chamadas "pedras furadas", como a que dizem existir na aldeia de Aplazadoiro, onde está o dólmem Fornela dos Mouros, até histórias de destruição planejada, como é o caso da pedra, também "furada", que existia nas proximidades do dólmem de Axeitos, que os moradores do local dizem ter sido destruída com a utilização de dinamite.

Mas há a realidade, e ela não é muito diferente da "história". Aliás, faz parte. Assim, os casos de abandono, como é o caso do dólmem conhecido como A Madroa, em Vigo, que nada mais é que um amontoado de pedra, com parte coberta por uma rua e parte tomado por uma

árvore que cresce no que seria, possivelmente, o corredor. E há, ainda, aqueles dólmens que, classificados, já estão desaparecidos, ou totalmente ocultos pelo toxo, ou já foram destruídos por mãos humanas. Este é, aparentemente, o caso do dólmem chamado de San Andrés de Losada, na região de Vilalba. No que se refere aos dólmens da Galícia, há um outro problema. E este é, provavelmente, o problema mais grave. São as pessoas que, não satisfeitas em ir vê-los, nada fazem para conservá-los, pois não os olham com o olhos, os "olham" com as mão e com o pés, e os depredam. E não satisfeitas em levar para casa somente uma foto, levam pedaços das pedras, para "admirar" depois. Em todos os casos, a situação é lamentável, pois o fenômeno do megalitísmo na Galícia é uma das faces da história mais antiga e longínqua dos antepassados do homem europeu moderno, e mereceriam, por isso, mais atenção, e melhor sorte, pois os dólmens mantêm vivo o simbolismo das "grandes pedras", propiciando o exercício etnográfico do imaginário quanto ao significado e funcionalidade da vida.

A milenar presença dos dólmens na Galícia não apenas estreita os laços entre o homem de hoje e seus antepassados. Sua presença causa inquietação por meio de imagens, por meio do imaginário e do simbólico. Assim, não apenas dólmens como o de Dombate, Casa dos Mouros, Casa da Moura, como exemplos, merecem a sorte de que estarem situados em áreas protegidas, com muros de delimitação da área e com placas sinalizadoras. Sinalizados e protegidos também estão os dólmens da Pedra da Arca e Chan da Arquiña, assim como o dólmem de Meixoeiro, que está em um recinto privado, bem conservado.

O dólmem de Dombate está hoje (falamos de 2008) em uma situação que chamo de "desconcertante", pois as escavações arqueológicas que se conduzem já há alguns anos, aparentemente não têm fim. O dólmem está em um recinto fechado com grade, que pretende

ser um "futuro" parque arqueológico. A anta, em si, além de ainda estar escorada com pranchas de madeira e coberta com lona plástica, segue com o perímetro totalmente escavado.

Mas há outros tantos dólmens, alguns pouco conhecidos, outros não conhecidos, outros, ainda, de difícil acesso e, por isso, por estarem longe dos "olhos" dos "turistas", estão mais protegidos, mas não mais conservados. O dólmem da Pedra Cuberta, por exemplo, está ao mesmo tempo fácil de ser localizado e difícil de se chegar. E está sinalizado. Mas corre perigo. Pela foto vê-se o estado em que se encontra. Este dólmem foi o primeiro da Galícia em que se encontrou pinturas e petroglifos, em 1932. Hoje, não se vê nada. Com muita imaginação é possivel distinguir algumas linhas serpentiformes num dos esteios que sustentam a grande pedra do corredor.

Foto 1 - Dólmem da Pedra Cuberta

Pela foto da pedra de cobertura do corredor, de grandes proporções, vê-se um pinheiro que cresce muito próximo. Essa árvore escolheu lugar ruim para crescer, pois punha em risco o grande bloco de pedra. Depois de muito debate, a prefeitura decidiu por cortá-la.

Foto 2 - Pedra de cobertura do corredor do dólmem da Pedra Furada

O mesmo ocorre, também, com o dólmem chamado de Arca da Piosa. Olhos não acostumados não o verão, já que o dólmem está parcialmente incrustado no que resta da mámoa, que se encontra na área privada de uma empresa de reflorestamento, sendo que o perímetro da mámoa pode estar oculto pela plantação. Além do eucalipto, o toxo e a silva impedem que se veja o monumento. Trata-se de um monumento conhecido e muito visitado, principalmente pelas escolas da região.

Foto 3 – Anta da Arca da Piosa

Há, ainda, outros exemplos, como os dólmens da Pedra da Arca e Forno dos Mouros, em que há registro da existência de petroglifos e pinturas na câmara e no corredor.

Foto 4 – Anta da Pedra da Arca

Ocorre que esses dólmens não têm proteção adequada e o musgo toma conta das pedras, o que impede de ver qualquer tipo de inscrição, ou algum resto de pintura. No caso do Pedra da Arca, pode-se ver parte da mámoa onde está localizado o corredor, do qual ainda se vê algumas pedras enterradas. O dólmem é conhecido e está sinalizado.

Já o caso do Forno dos Mouros é, provavelmente, o pior exemplo. Este dólmem está quase que totalmente enterrado na mámoa, aparecendo apenas a pedra de cobertura da câmara e a entrada do corredor, que está sem as pedras de cobertura.

Foto 5 – Anta do Forno dos Mouros

A dificuldade de acesso, que é a grande quantidade de toxo em volta do monumento, é o que ajuda a preservá-lo. Nesse dólmem se conduziam até pouco tempo, trabalhos de reestruturação que mais pareciam trabalhos de demolição. O trabalho arqueológico pôs a descoberto uma câmara de grande proporções e resultou numa vala onde se deixou à mostra a

pedra de cabeceira e duas pedras laterais. As informações dão conta da existência de pinturas na quase totalidade do interior do dólmem. Entretanto, a quantidade de musgo nas pedras torna impossível ver alguma coisa. Para proteger o dólmem, escorou-se a pedra de cobertura com vigas metálicas que, aparentemente, põem em risco as pinturas existentes no interior da câmara.

A estrutura do dólmem é interessante. A câmara e o corredor estão muito rebaixados, uns 2,50 metros, em relação à pedra de cobertura, que está no nível do terreno, causando um efeito que permite que se veja a mámoa quase que por inteiro.

Esta é a situação em que se encontra a maioria dos dólmens localizados na Galícia, posto que estão em locais de acesso com certo grau de dificuldade. Além do que, nem todos estão ao lado de uma estrada e nem todos tem um placa indicativa, apesar de hoje haver a sinalização de uma "Rota dos Dólmens". Desnecessário dizer que o toxo está por toda a parte, dificultando o acesso, ao mesmo tempo que é a melhor proteção que esses antigos exemplares da arquitetura monumental dolmênica do período megalítico da Galícia.

3 Os construtores dos dólmens

E, assim, discutir, hoje, quem construiu os dólmens da Galícia não é tarefa fácil. A afirmação de que foram os celtas seus construtores não é aceitável, sendo considerado "pensamento errôneo", uma vez que, "tecnicamente falando", as tribos celtas chegaram à Galícia por volta do ano 500aC-400aC, em movimentos migratórios em direção ao Atlântico, vindas do leste europeu, após terem cruzado parte da Germânia e a Galia, e atravessado o norte da Espanha, época em que o dólmem de Dombate já estava construído, assim como

também já estavam construídos os dólmem de Axeitos, Casa dos Mouros, Arca da Piosa, Casa da Moura, como exemplos. Some-se a isso a hipótese histórico-arqueológica que afirma que o fenômeno dolmênico da Galícia começou a partir do ano 5000aC, vindo do norte de Portugal, sem esquecer dos dólmens localizados na região de Valencia de Alcantara, na Extremadura espanhola, como exemplo.

A dificuldade está na datação dos restos existentes, que remetem sempre à uma mesma época, entre o 5000 e o 1500aC, embora existam enterramentos que datam de 100dC, que comprovam o reaproveitamento das tumbas para enterramentos mais "modernos". O mais provável é que os celtas das tribos que chegaram à Galícia e a habitaram, adotaram, em sua cultura, a utilização dessas tumbas que hoje chamamos de dólmem, continuando com o uso dessas grandes construções de pedra como parte de seus ritos funerários, religiosos, mágicos etc, integrando-os em sua cultura, incluindo-os em seu *modus vivendi*, de profundo contato com a natureza, com seus deuses que habitavam a terra, os rios, as árvores. Deuses que cuidavam de tudo e de todos, ao mesmo tempo que podiam virar as costas para tudo e para todos.

4 O surgimento dos dólmens

O dólmem aparece no período da história humana conhecido como Neolítico Superior, que abrange o período de 7000aC a 2500aC. O Neolítico, ou "nova pedra", é o termo usado para designar a ultima etapa da Idade da Pedra, caracterizada pela presença de armas e ferramentas de pedra polida e de cerâmica simples. O neolítico, ademais, é dividido em Inferior e Superior. É o Neolítico Superior o momento em que o uso da pedra lascada como

ferramenta e como arma é substituído pela pedra polida. Este é, também, o momento da história humana em que aparece a cerâmica, em que surgem os povoados, e em que se dá o início da atividade econômica produtiva. Ou seja, este é o momento em que aparece a primeira sociedade organizada, estruturada, hierarquizada.

Mas o Neolítico é também conhecido como Período Megalítico. Megálito, *grande pedra*, é palavra de origem grega que se compõe de *mega*, grande, e *lithos*, pedra. O nome vem do uso de pedras de grandes proporções para a construção de monumentos. E é nesse período que aparece o dólmem, *tohl maen*, significando "mesa de pedra", palavra de origem céltica. Há, ainda, o termo "anta", usado em Portugal e na Galícia, como designativo para os dólmens. Algumas dessas construções são consideradas por muitos como obras primas do período megalítico. Este é o caso da Arca da Piosa, conhecido na região como "a catedral dos dólmens" ou do Dólmem de Axeitos, conhecido também como o "Partenon do megalítico".

Foto 6 – Dólmem de Axeitos

Mas os dólmens deixam em suspenso perguntas que até agora não estão muito bem respondidas: quem os construiu? para quê? por quê? Em alguns casos, os dólmens também deixam em suspenso a pergunta: como foram construídos? Se pensarmos, por exemplo, no Dólmem de Brownshill, em Carlow, na Irlanda, está é uma pergunta de difícil resposta. A data estimada de sua construção é de aproximadamente 2500aC, sendo que o Dólmem de Dombate tem sua construção por volta de 4000aC. Mil e quinhentos anos antes. Mas a diferença fundamental entre esses dois dólmens é a pedra de cobertura: a de Dombate se calcula pesar algo em torno de 20 toneladas, mas a do Dólmem de Carlow tem um peso estimado em 150 toneladas. Se hoje, com toda nossa tecnologia é difícil pensar em como levantar 150 toneladas, imaginemos como realizaram tão grande façanha nossos tão longínquos antepassados.

Foto 7 – Dólmem de Dombate

5 O Dólmem

Mas, o que é, afinal, um dólmem? O dólmem, é, acima de tudo, e principalmente, uma tumba. O dólmem aparece como forma fundamental de enterramento individual e coletivo, de culto religioso, de manifestação imaginária e simbólica de crenças religiosas.

O dólmem diz respeito à câmara tumular propriamente dita. Ao complexo tumular, que envolve a tumba, à construção como um todo, regra geral, se dá o nome de túmulo (*tumulus*). Na Galícia, entre outros nomes, recebe a designação de mámoa. O dólmem é, pois, a construção megalítica incrustada no centro da mámoa. A terminologia utilizada, ou que se pode utilizar, quando se quer falar da construção monumental megalítica, ou seja, quando se quer falar do túmulo e do dólmem, é bastante diversificada.

Normalmente, o vocábulo utilizado nas Ilhas Britânicas, na França e na Itália, é dólmem (ou dólmen). Mas há algumas diferenças terminológicas, associadas, em alguns casos, à diferenças tipológicas, ou arquitetônicas, por assim dizer. É o caso do *long barrow*, os túmulos existentes na região da Inglaterra, País de Gales e Irlanda, por exemplo, que têm formato diferenciado em relação à tipologia dolmênica galega. Os *long barrow*, como o próprio nome já diz, são construções megalíticas alongadas, alguns com 25m, 50m de comprimento, formadas por dezenas de pedras que suportam outras dezenas pedras que cumprem o papel de teto, e formam um tumulo que se assemelha a um morro artificial (por exemplo, Scara Brae). O mesmo ocorre com o *hunebed*, na Holanda, que se trata de uma construção mais alongada que o dólmem galego mas mais curta que o long barrow britânico, alguns com seis ou dez pares de "pernas" que sustentam as pedras de cobertura.

Já a terminologia utilizada na Galícia adotou uma via mais complexa.

À câmara, especificamente ao que chamaríamos comumente de dólmem, podemos chamar de *anta*, como em Anta de Serramo; de *arca*, como em Arca da Piosa; de *forno*, como em Forno dos Mouros; de *fornela*, como em Fornela dos Mouros; de *cova*, como em Cova da Moura. Há, ainda, o caso do túmulo como um todo. À construção tumular, onde está incrustado o dólmem, podemos chamar de *mámoa*, *medoña*, *medorra*, *modia*, como exemplos.

Foto 8 – Anta da Roza das Modias, com seus petroglifos serpentiformes.

Os autores especializados são quase unânimes em afirmar que a construção megalítica galega, enterrada, regra geral, em uma *mámoa*, é uma construção de pedra formada por uma câmara poligonal ou com tendência circular, sem corredor ou com um corredor curto, normalmente orientado para o leste, com uma grande pedra de cobertura na câmara e uma, ou mais de uma, cobrindo o corredor. Todas juntas formam o dólmem propriamente dito.

A orientação do dólmem, com o corredor construído na direção do leste, local de nascimento do sol, representa, por sua vez, o nascer da vida, a chegada da vida, do sol que nos dá a vida. Espiritualmente, representa o nascimento. A cabeceira da câmara, com as costas do dólmem voltada para o oeste, para o pôr do sol, e simbolicamente, para a direção das trevas, para a morte, para a morada da morte, aparece como a passagem para a outra vida, que, por sua vez, nos sugere a crença na outra vida, a crença no renascimento. O corredor por onde se entra é o mesmo espaço, físico e simbólico, por onde se sai. Sai-se da vida e entra-se na câmara da morte. Mas também entra-se para uma nova vida. Gaudí, quando se tornou o responsável pelas obras da Sagrada Família, inverteu o projeto original, girando em 90° a orientação da catedral. Mantendo a nave na orientação original, girou as portadas em 90°, pondo a natividade a leste, e a crucifixão a oeste. Nascimento e morte. Ou, nascimento e renascimento para uma nova vida.

Mas, afinal, quem foram os construtores dos dólmens da Galícia? A resposta mais aceita por todos, é que os dólmens da Galícia, assim como todos os outros da Espanha e da Europa, são obra dos celtas. Veremos, entretanto, que isso não é correto, e que não se sabe, com certeza, quem os construiu. Ainda mais se considerarmos que os arqueólogos estimam que o castro de Baroña foi construído por volta de 100aC-150aC, que estava habitado quando os romanos chegaram na região, tendo sido habitado até o ano 100 de nossa era, quando foi abandonado. Isso faz deste castro um antigo centro habitado da Galícia. Mas não tão antigo quanto qualquer um dos dólmens da Galícia.

O que se há de considerar com este exemplo é que os celtas começaram a chegar na Galícia por volta do ano 500aC-400aC. Podemos, então, afirmar que, dadas as datas, o castro de Baroña foi realmente construído e habitado por membros de uma tribo celta. Entretanto, o

dólmem de Axeitos, que está próximo do castro, já existia, posto que sua construção data de mais ou menos 2500 aC.

E, no que se refere aos descobrimentos arqueológicos, fica-se sem saber exatamente para que serviram tais construções monumentais. Alguns são túmulos. Mas outros não. Em alguns dólmens, escavações arqueológicas puseram a descoberto pontas de flecha, vasilhas, adagas, torques de ouro. O mais famoso dentre os torques descobertos se encontra hoje no Museu Provincial de Lugo. Os demais estão no Museu Arqueológico de A Coruña, entre outros. Além disso, em alguns dólmens foram encontrados, também, vasos com cinzas dos mortos, e até mesmo os restos mortais de adultos e crianças. E em outros foram encontrados peças com símbolos religiosos. Mas, em muitos outros, nada foi encontrado. Ademais, há o fator complicador de que muitas tumbas foram "reutilizadas". Sabe-se disso pela datação da construção, do enterramento, e do chamado "enxoval", isto é, as armas, as jóias, os ídolos, os vasos. Muitos são celtas, como as jóias (os torques, as pulseiras, os capacetes), e as armas. Mas as vasilhas, por exemplo, são centenas de anos anteriores aos celtas. O mesmo se dá com os ídolos encontrados. Alguns são celtas, outros são centenas de anos anteriores ao período da ocupação céltica. A inexistência, em muitas das tumbas, de achado arqueológico põe em pauta a pergunta: foram violados? foram saqueados?

Este é o caso, dizem os arqueólogos, ocorrido com a maioria dos dólmens da Galícia, tal como o Forno dos Mouros. Arqueólogos e historiadores afirmam que este dólmem foi construído por volta de 3000aC, foi utilizado, foi reutilizado 1500 anos depois para um novo enterramento. Mas, fato curioso, já se encontrava violado e saqueado quando os romanos chegaram e construíram um acampamento militar na localidade chamada de A Ciadela.

Outra pergunta que se pode fazer é: na época de sua construção continham alguma coisa? E, nesse caso, para que foram erigidos? Por quê suas pedras mostram intrincados gravados, como é o caso do dólmem chamado Roza das Modias? Ou como é o caso do dólmem de Dombate, com suas sofisticadas pinturas e seus curiosos gravados que lembram modernas cafeteiras?

Alguns autores afirmam que muitas das mámoas, ou seja, a construção monumental que encerra o dólmem, foram violadas a centenas de anos por pessoas que acreditavam na lenda, antiga e corrente, que diz que os dólmens escondiam o chamado "ouro dos mouros", seres míticos e legendários habitantes da Atlântida, e que, segundo a lenda, seriam os verdadeiros construtores dos dólmens e, por isso, alguns dos dólmens se chamam Casa dos Mouros, Cova da Moura ou Casa da Moura

Foto 9 – Dólmem da Casa da Moura

E assim, surge, também, o misticismo. De tumbas e altares, de locais de reverência aos deuses e aos mortos, de construções que fizeram parte da esfera simbólica de um povo, os dólmens passaram a ser considerados, também, como "observatórios", como locais para a observações do firmamento, dos astros, das estrelas, para decidir o tempo de plantar e de colher, mas, ainda, como locais utilizados para predizer o futuro, e o desejo dos deuses em suas relações com o homem. Nada mais justo. Até hoje oramos e reverenciamos nossos mortos, e oramos e reverenciamos os santos em que cremos. E não satisfeitos em olhar o céu pelo simples prazer de ver as estrelas e os astros e, talvez, dizer "pode ser que amanhã chova", oramos e fazemos oferendas aos santos em que cremos, pedindo-lhes que nos tragam chuva e que acabe a seca. E, ainda não satisfeitos em orar e pedir, enviamos nossas naves o mais alto possível para ver as estrelas e os astros e poder dizer com certeza absoluta "amanhã de manhã vai chover!" Mas, ainda não satisfeitos com a certeza de dizer "amanhã de manhã vai chover!", enviamos nossas naves ainda mais longe, para ver, por exemplo, se em Marte há água. E, assim, a imaginação do homem deu o passo que faltava.

Não mais satisfeita com o lado místico dos deuses e dos mortos, não mais satisfeita com o lado prático do observar as estrelas para saber quando plantar e quando colher, não mais satisfeita com a explicação racional, científica e final que afirma "isto se trata de uma antiga tumba", a imaginação criadora do homem começou a ver os dólmens como "portais" para outra dimensão, no mesmo sentido místico que hoje atribuímos à existência de um mundo físico e de um mundo espiritual. Assim, por um lado, temos os denominados cientistas sérios, arqueólogos, sociólogos, historiadores etc, que não têm dúvida que povos que habitavam a Galícia antes da chegada dos celtas construíram os dólmens hoje existentes como parte de seus rituais mítico-mágicos de adoração a seus deuses e seus mortos, às estrelas e aos astros.

Os dólmens, e as mámoas, seriam, assim, para esses povos, suas "igrejas", seus "observatórios", seus "cemitérios", estruturas pertencentes, portanto, às dimensões imaginária e simbólica desses povos.

Por outro lado, temos os "místicos" de hoje, os "druidas" modernos, que não se contentam com "frias" explicações científicas, preferindo vê-los como portais para outra dimensão, como marcos para rituais solares e lunares, como marcos para rituais dedicados à "mãe terra", como alguns dólmens em que na ocasião do solstício de verão, o sol nascente ilumina a câmara com a luz que entra pelo corredor.

Mas todos são unânimes em um ponto: que os dólmens (e também os menires e os círculos de pedra etc) têm uma força estranha. E a explicação mais plausível é que, pelo fato de que são pedras de grande proporções, e que estão fincadas muito profundo na terra, elas trazem para a superfície a força magnética da terra. Não nos esqueçamos que a física, a geologia e a astronomia nos deram explicações muito interessantes e detalhadas sobre os movimentos da Terra, das forças liberadas por seu movimento e pelas forças presentes no espaço: magnetismo, raios gama, raios-x etc. Sabemos que a Terra tem um núcleo de ferro; e que abaixo da crosta terrestre está o magma, a pedra em seu estado líquido etc. Sabemos que é o movimento da Terra em sua jornada pelo espaço o responsável pelos vulcões, terremotos, maremotos. Sabemos hoje que é a ação de forças magnéticas, do chamado "vento solar", ao atingir as altas camadas da atmosfera terrestre , o responsável pela aurora boreal, entre tantos outros fenômenos que, há poucas dezenas de anos, o homem não conhecia. Que dizer, então, dos celtas, e de povos anteriores aos celtas, a tantos anos? Há 3000 anos antes de Cristo?

Quando vemos o dólmem de Dombate, ou Arca da Piosa ou Pedra da Arca, quando os olhamos, como é possível crer que aquelas pedras foram postas alí por mãos humanas há 4000, 5000 anos? Como é possível vê-los e não deixar de admirá-los?

São os grandes sobreviventes de Galícia e do artifício humano. São sobreviventes, pois estão pelos campos e montanhas de Galícia há milhares de anos, alguns esquecidos, outros quase destruídos, outros totalmente desaparecidos, outros, infelizmente ao alcance das mãos de pessoas sem memória e sem respeito que, ao invés de preservar, tentam destruir.

Se alguns dos dólmens conhecidos são de construção recente, se é que podemos chamar 4000 anos no passado, de recente, outros são contemporâneos das pirâmides egípcias, como é o caso do dólmem de Dombate, com idade estimada em quase 6000 anos. Mas o dólmem, por seu curioso formato, por seu mistério, e por terem sobrevivido a tantos séculos de história, e por terem sobrevivido à ação humana, atraem, hoje, nossa atenção.

Assim, desde que esses desconhecidos homens construíram o Dólmem de Axeitos, muito de nossa história essas pedras viram passar. Gerações inteiras de pessoas passaram perante ele. Provavelmente o reverenciaram. Provavelmente prestaram ali homenagens a seus deuses. Provavelmente prestaram ali homenagens a seus mortos. E, desde seu corredor, provavelmente observaram o nascer e o pôr do sol.

Hoje, passam por ele pessoas que não têm interesse por esses monumentos. Pessoas que, em sua penúria intelectual, vagarosamente, e insistentemente, os vão destruindo, impedindo o homem do futuro de ter acesso ao passado e sua história. Hoje, como seres persistentes, que insistem em sobreviver à pobreza de espírito daqueles que demonstram publicamente sua ignorância e que nada respeitam, aí estão e podemos ainda visitá-los, alguns com admiração e

reverência, outros com a desconsideração que o homem moderno tem pelas "coisas velhas" que estão aí "ocupando espaço".

6 Alguns dólmens

Anta da Fornela dos Mouros

Na região onde se localiza o dólmem Fornela dos Mouros há registros da existência de uma "pedra furada", com lendas de "sacrifícios druídicos". O mais curioso, é que não se sabe de cultos druídicos de sacrifícios humanos na região da Galícia.

Foto 10 – Anta de Fornela dos Mouros

A respeito do dólmem de Axeitos (foto 6), dizem os especialistas que a pedra de cobertura está ainda em sua posição original desde sua construção. Observa-se, nesse dólmem, desenhos que estão gravados no terceiro esteio à esquerda do corredor. Elas representam uma figura humana estilizada, um peixe, e algumas linhas e uma seta que aponta para cima. Alguns especialistas dizem que está alí desde sua construção. Outros dizem que é recente na história do dólmem, com cerca de uns 500 anos, e que foi feita por padres católicas com a intenção de cristianizar o monumento (recordemos que o peixe é o símbolo do cristianismo) e impedir a realização de práticas religiosas ditas pagãs.

O que se pode dizer é que o homem moderno, o homem da era da razão, veio perdendo, pouco a pouco, suas relações com a natureza mesma. E, na época da razão, o comportamento dito "pagão" era irracional. E, na era da razão, do controle do homem sobre a natureza, o homem não apenas acabou por perder definitivamente seu contato com a natureza e com seus deuses primitivos, mas perdeu contato com sua cultura mesma. E hoje já não sabe mais, entre outras coisas, exatamente para que serviam os dólmens. E hoje, nós, os assim chamados homens modernos, nos vemos perdidos com perguntas tais como "para que serviam?", "como foram construídos?". Mas a principal pergunta é: "e agora, o que fazemos com eles?". Há qe se perguntar se os dólmens não estão aí apenas para que recordemos o quanto somos efêmeros personagens na história da humanidade, e que não importa o que somos, quem somos, mas sim, o que fazemos no decorrer de nossa história e o que deixamos para os que vêm depois de nós. Mais, ainda. Eles estão aí, esse tempo todo, para que vejamos nossa insignificância, para que vejamos a insignificância do homem, reduzido a uma criatura temporária de carne e osso que se vê cara a cara com o esplendor aterrador da eternidade apresentada na forma do granito eterno e imutável, sem saber quem o construiu, como o construiu, para quê o construiu e por

quê o construiu. Mas que ainda está aí, a pedra em sua imutabilidade eterna tornada obra de arte por mãos desaparecidas na névoa do tempo, "misterioso filho de outras eras", como uma recordação de algo que esquecemos e que não devíamos ter esquecido.

Casa dos Mouros

Tanto o entorno imediato da tumba, quanto a tumba mesma, e o complexo constituído pela mámoa e o dólmem, estão muito bem cuidados. O dólmem, de câmara poligonal, apresenta desenho bem definido da mámoa em que está inserido, que se pode ver à distância. A mámoa tem uns trinta metros no eixo, sendo que o dólmem, que não tem a chamada pedra de cabeceira, tem, de leste-oeste, cerca de sete metros e meio de comprimento. A grande pedra de cobertura tem um peso estimado em 15 toneladas.

Foto 11 – Dólmem da Casa dos Mouros

O corredor, do lado imediato à pedra de cabeceira, está coberto por duas grandes pedras que, acredita-se, ainda estejam em sua posição e formatos originais. Análises feitas com datação de carbono levam a pintura a cerca de 2500aC.

Casota de Berdoias

É um exemplar de pequenas dimensões, de formato quadrado, sem corredor, e está classificado pelos especialistas como "cista", que representa a chamada arquitetura dolmênica tardia, ou seja, quando os então habitantes da região já estavam deixando de construir tais monumentos na Galícia, provavelmente por volta dos anos 1000aC.

Foto 12 – Cista Casota de Berdoias

Casota do Páramo

Foto 13 – Casota do Páramo

Cavada 2

Foto 14 – A Cavada 2

Chan da Arquiña

Foto 15 – Dólmem do Chan da Arquiña

Este dólmem é interessante pelo incrível trabalho de recuperação ao qual foi submetido. Tem quase 7 metros de comprimento e está quase que totalmente enterrado na mámoa, que tem cerca de 30m de diâmetro. A parte exposta tem 50cm de altura e 6m de comprimento. A câmara principal tem, em seu interior, 2m de altura, e o corredor, tem, na entrada 1m, e na câmara, 1,60m. Este dólmem é formado por 16 pedras laterais e 5 pedras de cobertura, que cobrem a câmara e o corredor.

Mámoa do Rei

O dólmem na página a seguir foi, também, objeto de reestruturação de todo o conjunto. A mámoa, circular, é de enorme proporção, tendo, originalmente, uns 35 metros de diâmetro.

O dólmem, em sí, foi também ele objeto de reestruturação, que o remontou tal como está na foto.

A pedra de cabeceira apresenta registro petroglífico na forma de linhas serpentiformes.

As pedras que aparecem próximo à entrada do corredor, pertencem à couraça original da mámoa.

Foto 16 – Mámoa do Rei

7 Referências

BOGA MOSCOSO, Ramón. *Dólmenes de Galícia*. A Coruña: Bahía, 1997.

FREDDO, Antonio Carlos. *Dólmenes de Galicia/Dólmens da Galícia*. 1. ed. Santiago de Compostela (Espanha): Cátedra Bolívar da Universidade de Santiago de Compostela; Asociación Galega de EStudios de Economia do Sector Público; Xunta de Galicia - Consellería de Innovación e Industria - Dirección Xeral de Turismo, 2007. Apresentação de Luís Caramés Viéitez. Edição bilingüe espanhol-português.

RAMIL REGO, Eduardo. *Os Primeiros Campesiños de Galícia*. Neolítico e megalitismo. Vilalba: Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba, 1997. Serie Laranxa, n. 2.

RICÓN, Amado. *Eduardo Pondal*. Vigo: Galaxia, 1981.

RODRÍGUEZ CASAL, Antón A. *O Megalitismo. A primeira arquitectura monumental de Galícia*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1990.

O autor

Antonio Carlos Freddo
Doutor em Sociologia
Professor do Programa de Mestrado em Gestão de Negócios da
Universidade Católica de Santos
e-mail: acfreddo@unisantos.br

Na área , o autor tem publicado o livro “Dolmenes de Galicia”, 1. ed., 1. imp. Santiago de Compostela (Espanha): Cátedra Bolívar da Universidade de Santiago de Compostela; Asociación Gallega de Estudios de Economia del Sector Publico; Xunta de Galicia. Consellería de Innovación e Industria. Dirección Xeral de Turismo, 2007, e as exposições de fotografias “Dolmenes de Galicia”, Galeria Sargadelos, Santiago de Compostela, janeiro/2008, sob o patrocinio da Cátedra Bolívar da Universidade de Santiago de Compostela e da Xunta de Galicia. Consellería de Innovación e Industria. Dirección Xeral de Turismo; *Dólmens de Galicia*, Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, Guarujá, novembro de 2003, sob o patrocinio da Fujifilm do Brasil - Laboratório Profissional e da Universidade Católica de Santos/Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande.